

# A TRADIÇÃO DO DISCURSO APOFÁTICO NA FILOSOFIA GREGA

## THE TRADITION OF APOFATIC DISCOURSE IN GREEK PHILOSOPHY

BERNARDO G. DOS SANTOS LINS BRANDÃO\*

**Resumo:** O objetivo deste texto é o de analisar a evolução de uma certa forma – que poderíamos traduzir por discurso negativo ou apofático – que, aparecendo já no *Poema Sobre a Natureza* de Parmênides e no *Parmênides* de Platão, tornou-se uma das formas privilegiadas de exposição das teologias negativas do médio e do neo-platonismo (doutrinas acerca do Primeiro Princípio, que lhe negam os atributos dos seres, mostrando sua transcendência).  
**Palavras-chave:** λόγος; *apophatikós*; teologia negativa; *Uno*.

**Abstract:** Our purpose is to analyze the evolution of a certain form of discourse – negative or apophatic discourse as we may translate it. This form of discourse, which appears already in Parmenides' *Poem on Nature* and Plato's *Parmenides*, became one of the chosen forms of exposition in Middle- and Neo-Platonism's negative theology (doctrines about the First Principle which, by denying it the attributes of entities, show its transcendence).

**Key-words:** Λόγος; *Apophatikós*; Negative Theology; *Uno*.

O λόγος ἀποφατικός possui duas características: define seu objeto por meio de negações e faz isso de uma forma racional. Sua estrutura básica aparecerá com variações mínimas nos autores que serão aqui discutidos: negações seguidas da argumentação que as justifica. Mas, se sua estrutura permanece basicamente a mesma, serve a propósitos diversos nos diferentes autores. Serão essas pequenas variações formais e grandes variações de significação o fio condutor de minha análise.

Iniciando a exposição pelo *Poema* de *Parmênides*, onde essa forma de discurso apofático já aparece ainda que não plenamente desenvolvido, percebemos no fragmento 8<sup>1</sup> que o Ser é especialmente caracterizado por termos negativos, formados através dos sufixos privativos “α” e “ου” e por orações iniciadas pela negativa οὐδε: o Ser é ἀγένητον, ἀνώλεθρον, οὐμελές, ατρεμές, ἀτέλεστον (não criado, não destrutível, não agitado, não abalável,

---

\* Bernardo G. S. Lins Brandão é mestrando na Fafich, Univ.Federal de Minas Gerais. E-mail: geraldosantos@yahoo.com.br

<sup>1</sup> SIMPLICIUS, *Phys.*, 145-146

sem fim) e ainda: nem é divisível, pois é todo igual / nem algo do mais, o que lhe impediria de ser coeso,/ nem menos, todo cheio está do que é.<sup>2</sup>

Como se pode observar no trecho acima, a expressão negativa é imediatamente seguida de termos positivos (*ὁμοῖον, ἐμπλέον*, etc.) E constituem a argumentação filosófica que dá a base racional para as negações e diferenciam o *Poema* da literatura oracular e misteriosa, a qual Parmênides faz alusão em seu proêmio. Já as negações que definem o Ser, diferenciam-no das coisas que fazem parte de nossa percepção cotidiana, que geralmente podem ser criadas, destruídas, tem partes, etc. Além disso, ao negar ao Ser a multiplicidade e a mutação, Parmênides nega-lhe a contingência presente no mundo que percebemos, afirmando-lhe uma espécie de superioridade ontológica.

No entanto, o Ser de Parmênides não é transcendente e pode ser bem conhecido pelo pensamento humano que segue a via da Persuasão. Assim, o discurso apofático presente no *Poema Sobre a Natureza* não exprime alguma forma de Teologia negativa. Sua intenção é outra: mostrar a especificidade e superioridade do Ser. Também não se sugere haver uma Teologia negativa no pensamento de Platão. Ao menos, essa parece ser a opinião da maior parte dos estudiosos atuais, que pode ser sintetizada da seguinte forma: “Platão não pode ser visto como o fundador da via negativa. No entanto, é verdade que suas idéias proveram a faísca da qual eventualmente derivaram os princípios da teologia negativa”.<sup>3</sup>

Dentre os diálogos que forneceram essa faísca destacam-se: a *República*, com a afirmação de que o Bem está acima da essência (*ἐπέκεινα τῆς οὐσίας*), o *Banquete*, com a ascensão intelectual à idéia do Belo (que é descrito no clímax do discurso da Diotima com várias negações), e o *Parmênides*, que na primeira hipótese sobre o uno, utiliza a mesma forma de discurso apofático identificado no *Poema Sobre a Natureza*.

Uma das características do estilo da escrita platônica é a constante apropriação e imitação do estilo dos autores que aparecem em seus diálogos. Por exemplo, nota-se a semelhança dos discursos de Fedro, no *Banquete* e no *Fedro*, com os de seu mestre Sócrates. Do mesmo modo, parece-me que, na primeira hipótese sobre o uno do *Parmênides*, Platão se apropria do modo como o Ser é descrito no *Poema Sobre a Natureza*, em sua parte

<sup>2</sup> οὐδὲ διαίρετον ἔστιν, ἐπεὶ πᾶν ἔστιν ὁμοῖον· οὐδὲ τι τῆι μᾶλλον, τὸ κεν εἴργοι μιν συνέχεσθαι, οὐδὲ τι χειρότερον, πᾶν δ' ἐμπλέον ἔστιν ἕντος.

<sup>3</sup> CARABIN, D. *The Unknown God*. Louvain: Peeters Eerdmans, 1995, p. 21.

consagrada à Via da Persuasão, desenvolvendo-o de acordo com as intenções do diálogo e dirigindo-o ao uno. A estrutura muda pouco: o uno é caracterizado por uma negação. Segue-se à negação uma argumentação racional, que é mais extensa e elaborada que a de Parmênides, por ser um típico exemplo da dialética socrática, tal como é apresentada nos diálogos. Por fim, devido à extensão da argumentação, um terceiro momento é adicionado: a negação inicial é retomada, expressa com palavras ligeiramente diferentes e geralmente introduzidas pela expressão *οὔτε ἄρα ου οὐκ ἄρα* (“logo, nem”... ou “logo não”...).

Por meio dessa estrutura, o uno é apresentado da seguinte forma: não é um todo, nem tem partes (*οὔτ' ἄρα ὅλον ἔσται οὔτε μέρος ἔξει*), não possui princípio, fim e meio (*οὔτ' ἀν ἀρχὴν οὔτε τελευτήν οὔτε μέσον*) e, assim, não é reto ou circular (*οὔτε ἄρα εὐθύ οὔτε περιφερές*). Além disso, não está em parte alguma (*οὐκ ἄρα ἐστίν που*), não está em repouso ou movimento (*οὔτε ἔστηκεν οὔτε κινεῖται*), não é o mesmo, nem em outro nem em si e não é outro, nem de si mesmo, nem de outro (*οὐδὲ μὴν ταυτόν γε οὔτε ἑτέρωι οὔτε ἑαυτῶι ἔσται, οὐδ' αὖ ἕτερον ὅτε αὐτοῦ οὔτε ἑτέρου ἀν εἴη*), nem participa do tempo, nem está no tempo (*οὐδὲ ἄρα χρόνου αὐτῶι μέτεστιν, οὐδ' ἐστὶν ἐν τινι χρόνῳ*), nem pode ser nomeado, nem dito, nem é objeto de opinião, nem é conhecido, nem o percebe algum ser (*οὐδ' ὀνομάζεται ἄρα οὐδὲ λέγεται οὐδὲ δοξάζεται οὐδὲ γινώσκεται, οὐδέ τι τῶν ὄντων αὐτοῦ αἰσθάνεται*).<sup>4</sup>

Percebe-se que várias das características negadas por Parmênides são aqui radicalizadas: enquanto o Ser não tem princípio ou fim, o uno não participa do tempo; enquanto o Ser não é abalável, o uno não se movimenta,<sup>5</sup> nem está em repouso; enquanto o Ser não é divisível, o uno não é um todo, nem é composto de partes, etc.

Tal processo de radicalização torna o uno da primeira hipótese bem distinto do Ser de Parmênides. Se o Ser pode ser concebido pela razão, o uno não pode ser conhecido, percebido ou exprimido. Ora, essas conclusões não são encaradas como satisfatórias aos participantes do diálogo e, desse modo, a primeira hipótese é abandonada para que novas hipóteses sejam consideradas (e que também, por sua vez, se mostram aporéticas).

Mas, enquanto a estrutura desse discurso apofático é clara, o mesmo não se pode dizer de seu propósito. O *Parmênides* é um dos diálogos platônicos que maiores dificuldades trazem aos estudiosos. Já na Antiguidade, enquanto

<sup>4</sup> 137C – 142B.

<sup>5</sup> Lembremos que, no *Parmênides*, Platão diz que os tipos de movimento são o deslocamento e a alteração e que, dizer que o Ser é abalável, é julgá-lo passível de alteração.

os intérpretes médio-platônicos geralmente o consideravam um exercício de lógica, os neoplatônicos encaravam-no como o ápice da teologia platônica. Nas palavras de Proclo, “o *Parmênides* fixa a luz total e perfeita da ciência teológica aos amantes de Platão”.<sup>6</sup>

Nos tempos atuais, a questão se mostra ainda mais complexa. Alguns, notando que o uno não é identificado ao Bem e ao Belo no *Parmênides* e, ao contrário, parece até mesmo estar no mesmo plano que o semelhante e o dessemelhante, o movimento e o repouso e outras meta-idéias (*Parmênides*, 136B), negam qualquer possibilidade de que o discurso apofático da primeira hipótese verse sobre alguma espécie de primeiro princípio da realidade. No entanto, outros afirmam que, a partir de certa perspectiva, pode-se encontrar aí “uma lúcida exposição da famosa teologia negativa”,<sup>7</sup> o que faz mais sentido ao se considerar uma passagem do relato de Aristóxeno sobre a conferência de Platão sobre o Bem, que pode ser interpretada, não sem contestação, como uma identificação entre o Um e o Bem (*Harm. Elem.*, II 39-40: ὅτι ἀγαθὸν ἐστὶν εἶν).

No entanto, mesmo que essas negações não passem de um exercício de lógica, formam um discurso apofático que foi usado como modelo para as exposições da teologia negativa, já no médio-platonismo. No *Didascalicos*, de Alcino, texto que é um sumário das idéias de Platão, tal como eram geralmente compreendidas no século II d.C, encontramos a apropriação do discurso apofático do *Parmênides* no contexto de uma teologia negativa já sistematizada. Para Alcino, Deus é inefável e conhecido somente pelo intelecto, pois não possui gênero, nem espécie, nem diferença específica, nem algum acidente. Dessa forma, pode ser concebido por três modos: pela abstração (do sensível ao inteligível e deste à Deus), por analogia e por si mesmo – uma espécie de *via eminentiae*, em uma ascensão intelectual tal como a descrita no *Banquete*.

É na via da abstração que encontramos reminiscências ao discurso apofático do *Parmênides*. No capítulo X do *Didaskalicos*, após afirmar que não possui gênero, espécie, diferença específica ou acidente, Alcino diz que, dessa forma, Deus não é mau (οὐτε κακόν), pois é ímpio dizer isso; não é bom (οὐτε ἀγαθόν), pois o seria assim participando da bondade;<sup>8</sup> nem indiferente, pois isso não está conforme nossa concepção do divino (logo, é algo

<sup>6</sup> PROCLO. *Teologia Platônica*, VII.

<sup>7</sup> DODDS, E. *The Parmenides of Plato and The Origins of the Neoplatonic One*, p. 133. *Apud*: CARABINE, D. *The Unknown God*, p. 22.

<sup>8</sup> Lembremos que, apesar disso, Alcino diz que Deus pode ser concebido a partir da contemplação da idéia do bem.

superior a estas atribuições); nem dotado de qualidades, nem privado delas (οὔτε ποιόν; οὔτε ἄποιον); nem parte de algo, nem um todo que possui partes, nem idêntico a qualquer coisa, nem diferente (οὔτε μέρος τινός, οὔτε ὡς ὅλον ἔχον τινὰ μέρος, οὔτε ὡστε ταυτόν τιμι εἶναι ἢ ἕτερον), nem move, nem é movido (οὔτε κινεῖ, οὔτε κινεῖται). Ainda, após apresentar as três vias do conhecimento de Deus, Alcino retoma novamente algumas das negações: diz Deus não possui partes, não se move e é incorpóreo, argumentando de forma mais detalhada.

Ora, nos dois discursos apofáticos que encontramos no *Didaskalicos*, não apenas percebe-se a mesma estrutura identificada no *Poema Sobre a Natureza* e no *Parmênides* – uma seqüência formada por negações seguidas de argumentação racional –, mas também são encontradas algumas das negações que aparecem no *Parmênides*: a negação das partes e do todo, da semelhança e diferença e do movimento. A relação entre as negações do *Didaskalicos* e do *Parmênides* já havia sido percebida por Armstrong,<sup>9</sup> que supunha, no entanto, que essa era uma dependência inconsciente, já que Alcino classifica o *Parmênides* como um diálogo de lógica. A suposição da dependência inconsciente foi atacada por Whittaker, que acreditava que a classificação do *Parmênides* como um diálogo lógico não constitui uma negação de sua relevância metafísica, tal como a classificação do *Fédon* e do *Banquete* como diálogos políticos.<sup>10</sup>

Mas, apesar da apropriação do discurso apofático do *Parmênides* e da intenção de Alcino de apresentar as doutrinas platônicas, o propósito de seus pequenos discursos apofáticos diferem dos de Platão. Em primeiro lugar, em nenhum momento Alcino se refere a Deus como Uno, o que, segundo Carabine, é uma reação dos médio-platonistas contra a pitagorização das doutrinas de Platão. Em segundo lugar, as negações apresentadas por Alcino servem a uma Teologia negativa já sistematizada apresentada como uma das três formas de se conceber Deus. Ora, como foi dito anteriormente, supor que Platão tenha desenvolvido uma Teologia negativa e que esta esteja presente no discurso apofático do *Parmênides* é bastante problemático. Por fim, enquanto não haveria enunciação, conhecimento ou opinião a respeito do uno da primeira hipótese do *Parmênides*, Alcino diz que Deus pode ser conhecido pelo intelecto.

<sup>9</sup> ARMSTRONG. *The Architecture of the Intelligible Universe*, p. 10. Apud CARABINE, *The Unknown God*, p. 76.

<sup>10</sup> Apud CARABINE, p. 77.

O mesmo não se pode dizer de Plotino, para quem é impossível o conhecimento racional do primeiro princípio da realidade. Não há registros de que tenha lido Alcino, mas, tendo estudado com atenção vários autores medio-platônicos, certamente meditou sobre várias das idéias apresentadas no *Didaskalicos* que eram patrimônio comum da filosofia de seu tempo. Como se sabe, tal como outros filósofos da tradição platônica antiga, Plotino identificou as hipóteses do *Parmênides* às hipóstases de seu sistema, interpretando o uno da primeira hipótese como o Uno, princípio fundamental da realidade. No decorrer de sua obra, as reminiscências às negações da primeira hipótese são várias. Charrue as identificou nas *Enéadas* V 2, V 3, V 4, V 5, VI 5, VI 6, VI 7, VI 8 e VI 9.<sup>11</sup>

É na *Enéada VI, 9* que a referência ao *Parmênides* se torna mais clara. No capítulo 3 do tratado, Plotino diz que, sendo a natureza do uno a geradora de todos os seres, não é nenhum deles, nem possui qualidade, quantidade, nem intelecto, nem alma, nem é movido, nem está em um lugar ou um tempo (*οὐδὲν ἔστιν αὐτῶν· οὔτε οὖν τὶ οὔτε ποιὸν οὔτε ποσὸν οὔτε νοῦς οὔτε ψυχὴ· οὐδὲ κινούμενον οὐδ' αὐ' ἔστώς, οὐκ ἐν τόπῳ, οὐκ ἐν χρόνῳ*). Isso porque, como o Uno engendra todos os seres, é anterior a eles. Ora, todas essas propriedades são predicados dos seres e, por isso, não podem ser atribuídas ao Uno. Ainda, se o Uno possuísse predicados, não seria uno, pois comportaria a multiplicidade. Eis o que Plotino diz a esse respeito, na argumentação que nega o movimento e o repouso ao Uno (mas que pode se estender às outras propriedades negadas):

Porque então, se não é movido, também não está em repouso? Porque uma destas propriedades ou ambas, estão necessariamente em um ser, e o que está em repouso, pelo Repouso está em repouso, e não é o mesmo que o Repouso. Assim, acontece a ele e ele não mais permanece simples.<sup>12</sup>

Novamente, aparecem certas negações do *Parmênides* (não se move, nem está em repouso, não está em algum lugar ou tempo), precedidas por outras típicas do medio-platonismo (não possui qualidade, quantidade) ou que diferenciam o Uno das demais hipóstases (não é intelecto ou alma). No entanto, percebe-se uma pequena mudança na estrutura do discurso. Uma negação não é logo seguida de sua argumentação racional: as justificativas das negações aparecem imediatamente antes e imediatamente após o conjunto de negações. Isso por um motivo simples: Plotino enfatiza aqui que

<sup>11</sup> CHARRUE, J.-M. *Plotin: Lecteur de Platon*. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

<sup>12</sup> *Enéada VI, 9, 3*.

essas negações existem pelo mesmo motivo e que seria possível negar ao Uno todos os atributos dos seres, já que não é nenhum deles. Ao considerar, como sugeria a já mencionada passagem da *República*, que o primeiro princípio é superior ao ser, Plotino radicaliza sua transcendência e inefabilidade. Parmênides dizia que “pensar e ser são a mesma coisa”. Plotino, em uma passagem da *Enéada* V 1, 8, parece concordar com tal doutrina. Mas a utiliza de uma forma diferente: o Uno, não sendo o ser, não pode ser pensado, está além do pensamento.

Assim, enquanto para Alcino, Deus pode ser conhecido pelo intelecto, para Plotino, “não há compreensão deste pela ciência ou pela inteligência (*μηδὲ κατ’ ἐπιστήμην ἢ σύνεσις ἐκείνου μηδὲ κατὰ νοήσιμιν*), pois a ciência é discurso e o discurso é múltiplo (*λόγος γὰρ ἡ ἐπιστήμη, πολλά δὲ ὁ λόγος*).<sup>13</sup> Ora, se o discurso é multiplicidade e essencial ao conhecimento racional, o discurso apofático é uma forma de negar a multiplicidade através da própria multiplicidade e da razão. E é assim que a razão, mesmo sendo incapaz de conhecer o Uno, pode ajudar na compreensão deste “por meio de uma presença superior à ciência” (*κατ’ παρουσίαν ἐπιστήμης κρείττονα*),<sup>14</sup> que ocorre quando não se abandona a unidade.

Com isso, quando aparecem em Plotino as típicas três formas do médio-platonismo de se conceber Deus – são, por exemplo, citadas na *Enéada* VI 7, 36 –, elas são reformuladas. Parece-me que, em Alcino, as três vias são independentes. Em Plotino, temos que obter primeiro certo conhecimento racional do Uno – o que só pode ser feito de um modo analógico –, para depois o abandonarmos através da *ἀφαίρεσις*. E, somente após esse processo que é possível o conhecimento supra-racional do Uno (a *via eminentiae* medio-platônica se torna uma via mística).

Terminando essas análises, gostaria de reapresentar de modo sumário o caminho filosófico percorrido pelo discurso apofático de Parmênides a Plotino. Em Parmênides, esse discurso serve para mostrar a superioridade ontológica do Ser. Platão se apropria desse discurso para falar do uno, não sabemos direito com que propósito, radicalizando-o, de modo a concluir que, seguindo a primeira hipótese, não se pode conhecê-lo ou exprimi-lo. O médio-platonismo, aqui representado por Alcino, refere-se ao discurso apofático do diálogo de Platão, atribuindo-o ao primeiro princípio, mas não tomando-o em toda sua radicalidade. Quem fará isso será Plotino, que considerando o *Parmênides* como um tratado metafísico e teológico, não toma

<sup>13</sup> *Enéada* VI, 9, 4.

<sup>14</sup> *Enéada* VI 9, 4.

as conclusões do discurso apofático da primeira hipótese como insatisfatórias, mas sim como expressão de uma genuína Teologia negativa. E, ao negar a possibilidade do conhecimento racional do Uno, afirma a possibilidade de um conhecimento supra-racional, que considera o ápice da vida filosófica. Nesse caminho filosófico, percebemos duas tendências: uma transcendentalização cada vez maior do primeiro princípio, que em Plotino passa a ser considerado como além do ser, e a apresentação de um conhecimento cada vez mais elevado, que, sendo apresentado por Parmênides como a Via da Persuasão, ultrapassa as categorias lógicas no médio-platonismo e se torna um caminho além da razão em Plotino.

## REFERÊNCIAS

- ALCINO. *Didaskalikos*. Paris: Les Belles Lettres, 1990.  
CARABIN, D. *The Unknown God*. Louvain: Peeters Eerdmans, 1995.  
KIRK, G. S. & RAVEN, J. E. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Lisboa: Galouste Gulbekian, 1966.  
PLATÃO. *Parmênides*. Trad. de M. Iglésias e F. Rodrigues. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.  
PLOTINO, *Enneads*. Cambridge: Harvard University Press, 1966.

[recebido em junho 2005]